



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PROFESSOR EM CHARGES DA *INTERNET*

Elaine da Silva Reis

Universidade Federal da Paraíba – elainereis1406@gmail.com

Resumo: A Charge é um gênero textual utilizado na mídia escrita que também é bastante recorrente na mídia eletrônica não só por meio da linguagem verbal como também por imagens e pelo humor. Essas características fazem com que as charges chamem a atenção dos leitores, principalmente dos internautas. Porém, é importante atentar para o fato de que camuflados pelo humor, discursos depreciativos que sedimentam práticas humilhantes e excludentes em relação a determinadas identidades são naturalizados, através desse gênero. Tais práticas podem contribuir para a efetivação de ações violentas contra determinados sujeitos, a exemplo do professor. Nessa perspectiva, o presente artigo traz o resultado de uma pesquisa documental que teve como objetivo investigar os discursos que constituem o sujeito professor em charges que circulam na internet, a partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso de Linha Francesa. Para tanto, traz reflexões sobre a relação entre leitura e memória discursiva na AD, os conceitos foucaultianos “vontades de verdade” e “relações de poder”, conceitos de sujeito, identidade e estereótipo. Por fim, apresenta a análise de três charges que circulam na internet, que trazem a representação do sujeito professor.

Palavras-chave: Charge, Internet, Sujeito professor.

Introdução

Os Meios de Comunicação de Massa, a exemplo da *internet*, funcionam como ferramentas eficazes na disseminação de discursos que constituem diversas identidades. Através de inúmeros gêneros textuais, a *internet* favorece a materialização de “vontades de verdade”, alicerçadas em dizeres consolidados no decorrer da história, que podem difundir estereótipos das identidades de determinados sujeitos no imaginário social.

Um gênero textual utilizado na mídia escrita que também é bastante recorrente na mídia eletrônica é a Charge. Por se tratar de textos curtos que contêm a representação de fatos associados ao contexto econômico, social e cultural não só por meio da linguagem verbal como também por imagens e pelo humor, as charges tendem a chamar a atenção dos leitores, principalmente dos internautas.

Porém, é importante atentar para o fato de que camuflados pelo humor, discursos depreciativos que sedimentam práticas humilhantes e excludentes em relação a determinadas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

identidades são naturalizados, podendo contribuir para a efetivação de práticas violentas contra os sujeitos.

Assim, os discursos apresentados nas charges estão fundamentados em uma memória coletiva, construída ao longo da história. Por isso, longe de qualquer ingenuidade, as charges, assim como os demais textos que circulam na sociedade, buscam influenciar seu interlocutor, de acordo com determinadas “vontades de verdade”. Logo, precisam ser lidos como um produto sócio-histórico e ideológico que se concretiza com a história e com a memória.

Pensando nisso, a presente pesquisa tem como objetivo investigar os discursos que constituem o sujeito professor em charges que circulam na internet, a partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso de Linha Francesa. Para tanto, traz reflexões sobre a relação entre leitura e memória discursiva na AD, os conceitos foucaultianos “vontades de verdade” e “relações de poder”, conceitos de sujeito, identidade e estereótipo e, por fim, apresenta a análise de três charges que circulam na internet, que trazem a representação do sujeito professor.

1 Leitura/memória na AD e Conceitos Foucaultianos

Fundada por Michel Pêcheux, a Análise do Discurso (AD) de linha francesa se constitui como uma prática política de leitura que busca ler o texto em sua discursividade, em sua filiação com o real e a história, relacionando-o a sua exterioridade. Nessa perspectiva, a língua deixa de ser vista como mera representação do pensamento ou origem de todos os significados, para ser concebida como um instrumento de conflito, de confronto ideológico, como um espaço no qual se produzem formas de representação, ideias e valores de uma sociedade.

Para a AD, há um diálogo entre diferentes discursos, a partir da retomada de formulações anteriores, definido como interdiscurso. Por meio dele, como se vê nas charges, os sentidos são recuperados pela memória discursiva que perpassa o imaginário social sobre o papel do professor. Segundo Pêcheux (1999, p.52), “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”.

Sendo assim, a AD se propõe, por meio da articulação entre o linguístico e o histórico, a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

compreender como os textos se constroem para dizer o que dizem, a partir do estabelecimento dos sentidos possíveis, de acordo com determinada(s) formação(ões) discursiva(s), levando em consideração que os sentidos de um texto não estão pré-estabelecidos, mas se constroem na essência de determinadas condições de produção, na relação entre a memória discursiva e o intradiscurso.

Nessa perspectiva, a produção de sentidos dos textos se dá a partir de discursos que alicerçam dadas vontades de verdade e relações de poder, marcando diferentemente a imagem e os papéis a serem ocupados pelos sujeitos na sociedade, a exemplo do sujeito professor. Assim, para investigar a constituição desse sujeito nas charges, esse trabalho traz conceitos como “vontades de verdade” e “relações de poder” formulados por Foucault.

Compreendendo que a construção identitária se dá a partir da memória social, do contexto histórico e do que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social, este trabalho toma a concepção defendida por Foucault (1999) de discurso como um conjunto de enunciados apoiados na mesma formação discursiva.

Esses enunciados são disseminados no meio social através das relações de comunicação, que são responsáveis pela transmissão de “uma informação através da língua, de um sistema simbólico” (FOUCAULT, 1995, p. 240). Tais relações estabelecidas na e pela linguagem propagam determinadas “vontades de verdades” que figuram como verdade em dado momento sócio-histórico e ideológico.

Essas vontades de verdade, além de valores e crenças, reafirmam preconceitos e sedimentam intolerâncias em relação a determinados sujeitos, a exemplo do professor em determinadas charges. Segundo Leite (2008, p. 20), “o preconceito é a ideia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir o indivíduo à intolerância, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações”. Essa violência está intimamente relacionada ao conceito de alteridade, referindo-se não só à violência física como também a situações de humilhação através de dizeres depreciativos, exclusão, desrespeito e indiferença.

Nas palavras de Foucault (2004, p. 282), as “vontades de verdade” são um “conjunto de regras de produção de “verdade”, pois, para o autor, não existe uma verdade absoluta, mas “temas fabricados em um momento particular da história”, conforme se pode ver, por exemplo, na literatura, na religião ou na mídia. O filósofo compara a verdade com um jogo que não tendo apenas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

o sentido de imitar ou de repetir, significa um conjunto de procedimentos que conduzem a certo resultado.

Assim, compreende-se que a verdade não existe nela mesma. O que existe é a vontade de verdade, estabelecida a partir de uma relação desequilibrada, pois não serão todos os sujeitos que terão direito a dizer “a verdade”, mas indivíduos que se encontram inseridos em uma certa rede de práticas de poder.

Como exemplo desse exercício de poder, vê-se nas charges que os papéis ocupados por professor/aluno sofre alterações em relação ao lugar de supremacia ocupado, de acordo com o contexto sócio-histórico e ideológico. Conforme aponta Foucault (1995, p. 235), essa forma de poder une o indivíduo “à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele”. As “vontades de verdade” transitam de acordo com as relações de poder, determinando o modo verdadeiro de ser sujeito.

Diante disso, entende-se neste trabalho que a identidade é uma construção discursiva ligada aos saberes provenientes das relações de poder responsáveis pela constituição dos sujeitos ao longo da história, a exemplo dos papéis sociais ocupados pelo sujeito professor e, conseqüentemente, pelo sujeito aluno.

Por isso, para observar as imagens que representam o sujeito professor nas charges, a análise desta pesquisa buscou também respaldo nos conceitos de sujeito, identidade e estereótipo, apresentados no próximo tópico.

2 Sujeito, identidade e estereótipo

Iniciando pela questão do sujeito na AD, este trabalho parte da ideia de que o sujeito seja “essencialmente heterogêneo, clivado, dividido” (MUSSALIM, 2001, p. 134), por estar afetado pelo inconsciente. Esse descentramento entre o consciente e o inconsciente proveniente da relação estabelecida entre o “eu” e o “outro” faz com que o sujeito deixe de ser visto como um indivíduo que tem controle total sobre o dizer, tendo em vista que seu discurso é atravessado por diferentes vozes.

Assim, o discurso é constituído a partir das imagens que o sujeito faz de si e de seu interlocutor, do lugar ocupado por ambos no contexto da enunciação e do próprio discurso. Diante



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

disso, é possível compreender que o sujeito, para a AD, não é visto em sua condição individual, mas a partir de uma posição, de um lugar enunciativo ideológico.

Logo, há um conjunto de diferentes posições de sujeito, que demonstram diferentes formas de se relacionar com a ideologia, fazendo com que a forma-sujeito seja fragmentada pelas diferentes posições do sujeito. Tais considerações sobre o sujeito possibilitam uma aproximação com a discussão sobre o conceito de identidade presente nos Estudos Culturais.

Segundo Hall (2006), mediante o fenômeno da pós-modernidade, a identidade não pode mais ser vista como um construto “fechado em si mesmo”, tendo em vista que se apresenta como algo fragmentado e “descentrado” que “desloca” o sujeito para diferentes posições sociais. Segundo o autor, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 2006, p. 7).

Esse pensamento faz com que se retome o conceito de identidade como uma construção sócio discursiva associada a uma memória que se materializa nas práticas sociais, formando diversas identidades culturais em processo constante de transformação no curso da história.

Diante do processo de representação simbólica, os sujeitos passam a ocupar “seus” diferentes “lugares identitários” na diferença com o outro a partir da linguagem. Essa ideia permite perceber que a identidade e a linguagem estabelecem relações de indeterminação e instabilidade que estão ancoradas nas relações de poder. A identidade se desenvolve não apenas por meio de um processo interno, mas, sobretudo, através de um processo externo de práticas discursivas. “A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação “(SILVA, 2000, p. 97).

As representações associadas à identidade encontram-se, também, ligadas a um conceito bastante forte para a construção e a disseminação das imagens de determinados sujeitos na sociedade, a saber: estereótipos. Silva (2000, p. 98) apresenta esse conceito como “imagens do outro que são fundamentalmente errôneas”.

Nessa perspectiva, Possenti (2010, p. 40) descreve o estereótipo a partir de suas similitudes com a caracterização da identidade, a saber: “social, imaginário e construído”, mas que se diferencia da identidade, à medida que “se caracteriza por ser uma redução (com frequência



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

negativa), eventualmente um simulacro” da mesma. Mussalim (2011, p. 139), situando esse conceito, aponta que “os estereótipos pertencem ao repertório de fórmulas, imagens, tópicos e representações compartilhadas pelos sujeitos falantes de uma língua determinada ou de uma mesma cultura”.

De acordo com o que apresentam esses autores, esse conceito, assim como o de identidade, é algo construído sócio-historicamente, trata-se de representações consolidadas por meio de práticas discursivas associadas às formas de poder. Os estereótipos “são construtos produzidos por aquele(s) que funciona(m) como o(s) Outro(s) para algum grupo” (POSSENTI, 2010, p. 40).

Isso não quer dizer que o estereótipo esteja sempre ligado a uma representação negativa da identidade, mas que se pauta em um padrão fixo ou geral para produzir falsas generalizações identitárias. O fato de os estereótipos se constituírem como “representações coletivas cristalizadas ou esquemas culturais preexistentes e compartilhados no mundo social” (AMOSSY, 1991 *apud* MUSSALIM, 2011, p. 141) faz com que os estereótipos sejam responsáveis pela estruturação de dados papéis e/ou traços de gênero.

Diante desse panorama, neste trabalho compreende-se o estereótipo como uma forma aligeirada/apressada de categorizar as identidades que constituem determinados sujeitos. Por meio dos estereótipos, em grande parte dos textos, são disseminados hábitos de julgamento que corroboram com a vulgarização e agressão a determinadas identidades, como a da mulher, conforme se pode observar nas letras de música de forró, auxiliando na reprodução do preconceito e da intolerância.

3 Como se dá a constituição do sujeito professor em Charges da *internet*?

A memória coletiva permite recuperar o papel do professor ao longo da história, mostrando que o sujeito professor ocupou um lugar de respeito e autoridade na sociedade brasileira. Os professores eram chamados de mestres e sobre estes profissionais pairava a responsabilidade de transmitir o saber adquirido na sociedade.

Durante muito tempo vigorou a vontade de verdade de que o professor era o detentor do saber e que tudo o que ele fizesse ou dissesse não poderia jamais ser questionado. Nas relações de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

poder entre professores e alunos estava bem definido o lugar de supremacia ocupado pelo sujeito professor, restando ao aluno o lugar da inquestionável subserviência e da passividade.

Partindo dessa representação do professor recuperada pela memória discursiva, as charges que circulam na *internet*, na tentativa de esboçar a realidade da educação brasileira, instauram novos sentidos na “história do tempo presente”. De acordo com Barbosa (2004),

a reflexão sobre os acontecimentos presentes permite fazer com que o passado retorne, seja reinterpretando e novas significações sejam encontradas. O passado que interessa à história do tempo presente não é um passado simples, mas heterogêneo, constituído da mistura das lembranças, bem ou mal assumidas, mas certamente vivas (BARBOSA, 2003, p.115)

Partindo do já dito, a mídia eletrônica, por meio das charges que circulam na internet, suscitam outras vontades de verdade sobre o lugar do sujeito professor nas elações de poder do contexto escolar e, conseqüentemente, para novas constituições identitárias em torno da figura do sujeito professor e do sujeito aluno na contemporaneidade.

Para investigar como se dá a constituição do sujeito professor nessas materialidades discursivas, foram selecionadas três charges, as quais serão analisadas, abaixo, observando não só os recursos verbais, mas também os imagéticos. Barbosa (2002, p. 118) ressalta que “o funcionamento da eficácia simbólica e semântica da imagem faz com que ela funcione como um operador de memória social”. Sendo assim, as imagens presentes nas charges são caracterizadoras primordiais do gênero, que contribuem para a construção dos sentidos. Passando a análise, foram selecionadas três charges, seguidas de suas respectivas possibilidades de leituras discursivas:

Charge 1





II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A charge acima apresenta uma crítica em relação ao Sistema de Ensino Brasileiro que na busca desenfreada da elevação do índice de Qualidade da Educação Brasileira (IDEB) acaba suscitando à questão da aprovação automática dos alunos nas escolas. Partindo da imagem, vemos que duas personagens aparecem na charge, uma representando a gestora escolar e a outra uma professora.

Em posição e gestos de uma luta travada, a gestora rende a professora com uma espada no pescoço, exigindo que esta “passe todos” os alunos, pois o importante é aumentar o índice de aprovação da escola. Esse discurso aponta para a vontade de verdade de que a qualidade do ensino brasileiro está relegada a um segundo plano, pois o que importa de fato são os números a serem apresentados aos órgãos internacionais.

Para sustentar esse discurso, não só a imagem como também o texto verbal constituem o professor a partir de um lugar desprivilegiado na hierarquia do poder. Há um sistema maior que cobra os resultados das instituições escolares, os gestores que por sua vez buscam esses resultados dos professores e por fim, os professores que sem nenhuma arma de ataque encontram-se encurralados à beira de um abismo, tentando justificar que só foram reprovados os alunos que “não sabem ler e os que faltaram o ano todo”.

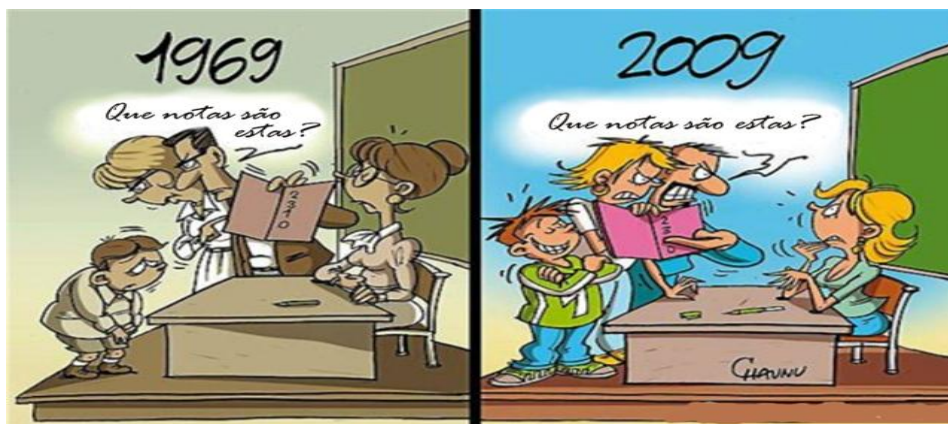
Nessa materialidade discursiva, a autoridade do professor é totalmente anulada. Como se não bastasse ter de aprovar os alunos que não demonstram um bom desempenho, o professor deve aprovar os analfabetos e os que se quer comparecem à escola. Desse discurso resultam estereótipos que apontam o professor como um sujeito passivo e vítima de um sistema que, ao contrário do que condiz com o papel do professor, não prima pela qualidade e sim pela quantidade.

Charge 2



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Dividindo dois momentos históricos, a charge 2 traz no primeiro quadro, a partir de uma imagem em preto e branco com ano de 1969 (fazendo alusão a um momento histórico remoto), uma professora apresentando aos pais de uma aluno o então temido boletim escolar de seu filho. A professora aparece com um ar de superioridade e os pais do aluno, ao lado da professora, bastante irritados, voltam-se para o filho, questionando “Que notas são estas?”.

Esse primeiro momento, traz à memória uma época em que o professor ainda ocupava um lugar de respeito e supremacia na relação de poder frente ao aluno, que por sua vez não tinha vez nem voz. Sem direito a defesa ou qualquer tipo de argumento, o aluno é retratado com um aspecto de fracasso, diante da avaliação da professora expressa no boletim.

No segundo quadro, no qual as cores já aparecem juntamente com o ano de 2009 (fazendo alusão ao contexto sócio-histórico contemporâneo), a autoridade do professor passa a ser questionada, já que desta vez, ao invés de estarem ao lado da professora, os pais aparecem ao lado do aluno, que com um ar de altivez, sente-se orgulhoso ao ver os pais furiosos, não com ele, mas com a professora ao se depararem com o boletim escolar de seu filho. Dessa vez o questionamento irritado “Que notas são estas?” é dirigido à professora e não ao aluno.

Esse discurso permite entrever um contexto em que perpassam vontades de verdade que marcam o lugar do aluno como sujeito que passou a ocupar um lugar de privilégio na relação de poder em relação ao sujeito professor, que passa a agir não só como a gestão quer, mas também como os pais e os alunos querem. Assim, o sujeito professor é estereotipado, mais uma vez, como um sujeito passivo, sem forças perante aos demais sujeitos que o cercam.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Charge 3

CRIANÇAS ARMADAS NAS ESCOLAS



Seguindo o mesmo viés ideológico que aponta para a perda da autoridade do sujeito professor, a charge 3, trazendo a temática tão difundida pelas mídias televisivas, trata da questão da violência nas escolas, enfocando o caso da existência de alunos armados na escola.

Partindo de um dos maiores símbolos de punição ou premiação usados pelos professores para avaliarem seus alunos, que são as notas, a charge traz a “voz” de um aluno (ainda criança) questionando a professora com um revólver apontado para a mesma “Aê fessora! Tu me deu zero?”.

Por meio de uma linguagem bem distante da norma padrão, demonstrando um total descompasso com o que se espera que os alunos consigam aprender, entre outras coisas, na escola, a fala do aluno justifica para o leitor que o zero foi merecido, mas causa um temor tão grande na professora que rapidamente escreve o número um na frente do zero e responde ao aluno que não havia lhe dado aquela nota, só havia esquecido o número um na frente.

Mais uma vez o sujeito aluno é representado ocupando um lugar superior em relação ao sujeito professor, mas dessa vez, isso ocorre por meio da violência. O professor, com medo de perder sua própria vida, acaba sendo levado a satisfazer vontade do aluno, chegando a atribuir ao mesmo uma nota que ele não tirou (a nota máxima) por causa de sua ameaça.

Esse discurso contribui para a propagação da vontade de verdade de que ser professor na contemporaneidade é expor-se ao risco, é assumir uma profissão de perigo. Logo, estereótipos que apontam os alunos como perigosos e violentos são suscitados a partir dessas vontades de verdade e que o sujeito professor é, novamente, vítima indefesa nas mãos dos alunos e de todo o sistema.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Considerações finais

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou a constatação de que a charge, enquanto materialidade discursiva, é perpassada por formações ideológicas e discursivas filiadas à memória que perpassa o imaginário social. Isso faz com que determinados dizeres dialoguem com outros momentos históricos, deslocando sentidos cristalizados na memória discursiva dos sujeitos.

Este estudo propiciou a realização de uma leitura menos ingênua em relação às vontades de verdade e estereótipos que constituem o sujeito professor nas charges que circulam na *internet*, fazendo com que estereótipos que auxiliam na depreciação do sujeito professor na sociedade fossem evidenciados.

Por fim, viu-se que a constituição do sujeito professor se dá a partir de um lugar desprestigiado nas relações de poder em relação aos sujeitos que os cercam, sobre o professor pairam determinadas “vontades de verdade” e estereótipos que o marcam como uma vítima, como um ser fraco e passivo não só diante de todo o sistema que o cerca inclusive dos alunos.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, P. L.N. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, M.R. *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos, Claraluz, 2003.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In.: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- _____. *A ordem do discurso*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *Arqueologia do Saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEITE, M. Q. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: BENTES, A.; MUSSALIM, F. (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p.101-142.
- _____. Estereótipos de gênero e cenografias em anúncios publicitários. In: MOTTA, A.R.; SALGADO, L. (Org.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011, 139-150.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre (et al). *Papel da memória*. Campinas, Pontes, 1999.
- POSSENTI, S. _____. *Humor, Língua e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SILVA, T. T. (org.). *Identidade e Diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. 2ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.